

O comparativo de inferioridade em Língua Gestual Portuguesa: uma ausência motivada?

Pedro Balaus CUSTÓDIO¹

Isabel CORREIA²

¹ Instituto Politécnico de Coimbra (IPC), Coimbra, Portugal;
| balaus@gmail.com; | <https://orcid.org/0000-0003-2140-7304>

² Instituto Politécnico de Coimbra (IPC), Coimbra, Portugal;
| isasofia.cc@gmail.com; | <https://orcid.org/0000-0002-1798-2165>

Resumo: Este breve estudo pretende descrever os processos de gradalização nos adjetivos em Língua Gestual Portuguesa (LGP). A investigação neste campo é escassa, havendo alguns artigos científicos para a *American Sign Language* (Wilbur, 2012; Koulidobrova, 2023). O interesse adveio de não conhecermos estudo semelhante para a LGP e de termos notado que tanto o grau comparativo como o superlativo se socorrem de mecanismos distintos das línguas orais, mas os mecanismos de marcação de grau são semelhantes a outras línguas gestuais/de sinais. Assim, através da consulta a informantes nativos, docentes de LGP, tentámos compreender como se materializam os graus dos adjetivos em LGP. Pedimos-lhes que produzissem frases nos diversos graus e que refletissem sobre essa produção. Este trabalho começa, pois, por uma brevíssima descrição da LGP, do sistema adjetival noutras línguas e, por fim, apresentamos os resultados e apontaremos algumas conclusões que assentam na nossa análise de dados e na reflexão dos informantes.

Palavras-chave: Línguas de Sinais. Graus dos adjetivos. Língua Gestual Portuguesa.

The Comparative of Inferiority in Portuguese Sign Language: A Motivated Absence?

Abstract: This brief study aims to describe the processes of gradation in adjectives within Portuguese Sign Language (LGP). Research in this area remains limited, with some scientific contributions available for American Sign Language (e.g., Wilbur, 2012; Koulidobrova, 2023). Our interest stems from the absence of similar studies focused on LGP and from observations suggesting that both comparative and superlative forms rely on mechanisms distinct from those found in spoken languages—though they share similarities with other sign languages. Through the analysis of example sentences, we seek to provide an overview of adjective gradation in LGP. The study begins with a brief description of LGP and the adjectival system in other languages, followed by our research findings, discussion, and concluding remarks.

Keywords: Sign Languages. Adjective Gradation. Portuguese Sign Language.

| Introdução

A LGP: efeitos da modalidade visual nos processos morfológicos

A Língua Gestual/de Sinais Portuguesa é o segundo idioma mais utilizado em Portugal e caracteriza-se, essencialmente, por ser uma língua de modalidade visuomanual. A grande diferença quando comparada com uma língua oroauditiva é, precisamente, o facto de ser produzida no espaço pelos articuladores manuais e faciais e percecionada pelos olhos. Quer o espaço de produção, que os articuladores condicionam à materialização de processos, nomeadamente na organização de unidades sublexicalais e na marcação gramatical. Assim, as unidades mínimas das línguas visuais, a configuração de mão (CM); movimento de mão (MM), localização de mão (LM); orientação de mão (OM) e expressões não-manauais (ENM), constituem um número finito de unidades que se combinam entre si para formar uma unidade lexical, o gesto ou sinal. A título de exemplo veja-se o vocábulo MORANGO³, considerando as duas variantes disponíveis no glossário *spreadthesign*, que nos servirá para exemplificar as possíveis combinações segmentais, alguns processos morfológicos e distribuição lexical:

| Organização das unidades mínimas

Variante 1: gesto/sinal unimanual, com CM em U⁴, LM nos lábios; OM para o emissor; MM ligeira rotação do antebraço; ENM Ø. Esta execução é dialetal, característica da região norte.

Variante 2: gesto/sinal bimanual. O primeiro apresenta CM em B; LM no queixo; OM para o emissor; MM de deslize para baixo do polegar no queixo; ENM mordida do lábio inferior. O segundo apresenta mão dominante com CM em garra aberta; LM na mão não dominante; OM palma para a esquerda; MM para baixo com toques alternados; ENM Ø. A mão não dominante tem CM em bico de pato fechado; LM espaço neutro; OM palma da mão para a esquerda; ENM Ø. Esta é considerada a variante padrão por que é usada pela maioria dos utilizadores.

3 Sempre que nos referirmos a um gesto/sinal usaremos maiúsculas. Os exemplos apresentados serão do nosso arquivo ou estarão disponíveis em www.spreadthesign.com.

4 Para consultar as configurações de mão veja-se Carmo (2010).

| Processos morfológicos

b1: a variante 1 é um gesto/sinal simples, pertence à classe dos nomes e não tem marcação de género. O género na LGP é de marcação natural (Correia, 2016), logo este item sendo [-animado] é neutro. O vocábulo está no singular.

b2: a variante 2 é um gesto/sinal composto por derivação, [adj+CL de forma] sendo o primeiro um adjetivo uniforme e o segundo uma estrutura icónica que representa a forma do fruto. Nas línguas gestuais/de sinais, consideramos derivação quando há a adjunção de um afixo a um item lexical (Correia, 2014). A composição é representada pela junção de dois gestos/sinais com significados autónomos que, quando compostos, assumem uma significação diferente, por exemplo, ROMÃ [VERMELHO+REI]⁵.

Como se pode verificar as variantes comprovam a existência de variedades linguísticas na LGP que, ainda que se distribuam por regiões, se relacionam com a localização das escolas de surdos no século passado e a criação de gestos nesses locais (Correia; Queirós, 2016). Neste exemplo, temos duas variedades lexicais, mas também se observam variações adstritas a itens sublexicais, ou seja, gestos/sinais em que apenas muda-se um parâmetro consoante a distribuição regional.

Por último, apenas um apontamento sobre a morfologia verbal nas línguas gestuais/de sinais. Os verbos são pobres em flexão, devido, mais uma vez, aos articuladores e receptores que permitem uma língua mais transparente, mas também com execução simultânea e não-linear mais preponderante. Assim, os verbos alteram o tempo verbal através de mecanismos sintáticos, como advérbios ou outras locuções semelhantes e marcadores não-manuais.

O aspeto verbal é marcado também pelo articulador não manual, por pausa no movimento e expressões lexicais. PN é determinado por pronomes e pelo contexto frásico. Estruturas verbais predicativas ou classificadores são abundantes, tendo muitas vezes amalgamado o sujeito e o predicado no mesmo gesto/sinal:

5 Este gesto/sinal pode, também, ser produzido através da composição [MAÇÃ+REI].

Figura 1. Frase: Pessoas sentadas à volta



Fonte: Acervo pessoal

A ordem sintática considerada pura é SOV, mas outras sequências são observáveis quer por topicalização, quer por interferência da língua oral. A concordância género e número não se observa em frases gestuais/de sinais sendo marcada apenas em nomes, o género apenas nos nomes [+animados].

Figura 2. Frase: As meninas escrevem (em cima) e o menino escreve (em baixo)



Fonte: Acervo pessoal

| A classe dos adjetivos nas línguas gestuais/de sinais

No que concerne aos adjetivos, como atrás assinalamos, estes são uniformes e nunca marcados. Não concordam com os nomes, pois, mais uma vez, a nosso ver, pelo facto de a receção visual dispensar o marcador. Esta categoria gramatical não tem tido vastos estudos, mas alguns investigadores questionam a sua integridade. Assim, Schembri (2003), baseando-se no facto de os adjetivos serem estruturas predicadoras, sobretudo aqueles que recorrem à forma,

nas línguas visuais e não atribuindo apenas qualidades, afirma que o que se considera adjetivos em línguas gestuais/de sinais, são, na realidade, verbos:

Sinais não policomponenciais, como, por exemplo, VERMELHO ou GRANDE, podem ser modificados através da combinação com premodificadores como MUITO e MAIS, e também podem ser usados atributivamente (ou seja, podem aparecer antes de um nome). [...] De qualquer forma, também não é totalmente evidente que estas propriedades sejam suficientes para sugerir que tais usos de sinais não policomponenciais se qualifiquem como adjetivais. Como resultado, a inclusão destas formas na categoria de verbos parece ser a análise mais apropriada, sujeita a revisão posterior (Schembri, 2003, p. 4, tradução própria).⁶

Esta posição é secundada por Bernath (2010) que argumenta o facto de estes itens poderem ter modificação aspectual. Não é propósito do nosso estudo analisar a distribuição gramatical ou os traços semânticos dos adjetivos e sua materialização, mas apenas verificar como se forma a comparação em LGP. Não temos elementos suficientes que nos permitam aceitar ou contrapor as propostas dos autores que acabamos de citar e referir, porém, e como também já reconhece Schembri (2003), estes itens podem ser modificados. Assim, seguimos de perto a análise de Koulidobrova, Vera, Kurz e Kurz (2023) que se centra na análise dos graus dos adjetivos em *American Sign Language* (ASL).

| Os graus dos adjetivos: da ENM à lexicalização de estruturas icónico-culturais

Algumas línguas socorrem-se dos graus dos adjetivos para apresentarem comparações entre entidades ou para intensificarem características dessas mesmas entidades. A língua portuguesa, por exemplo, efetiva estruturas de comparação e intensificação através de construções sintáticas que situam os adjetivos numa escala de variação. Na frase exemplificativa *a Maria é inteligente* o adjetivo *inteligente* encontra-se no grau normal. Assim, se nos reportarmos primeiramente ao grau comparativo que estabelece uma relação de comparação entre entidades, podemos formar o grau comparativo de igualdade, isto é, *a Maria é tão inteligente como a Sofia*, o grau comparativo de superioridade,

6 No original: “Nonpolycomponential signs such as RED or BIG, for example, may be modified by combining with premodifiers such as VERY and MORE, and may also be used attributively (i.e. they may appear before a nominal). [...] In any case it is also not entirely evident that these properties are sufficient to suggest that such usages of nonpolycomponential signs qualify as adjectival. As a result, the inclusion of these forms in the category of verbs appears the most appropriate analysis, subject to later revision”.

ou seja, a *Maria* é *mais inteligente que a Sofia*, e ainda e grau comparativo de inferioridade, nomeadamente, a *Maria* é *menos inteligente que a Sofia*.

Como vemos, nos três graus é estabelecida uma relação de comparação sempre entre os mesmos dois referentes. Por sua vez, quando formamos o grau superlativo estamos a intensificar as características associadas a uma entidade. Esta forma de intensificar pode ser realizada de maneiras distintas: de forma relativa, isto é, colocando o referente em grau superior ou inferior aos restantes, ou de forma absoluta, atribuindo o maior grau ao referente em questão. Com base na mesma frase, vejamos então como formar o grau superlativo relativo de superioridade – *a Maria é a mais inteligente da turma*, o grau superlativo relativo de inferioridade – *a Maria é a menos inteligente da turma*, o grau superlativo absoluto sintético – *a Maria é intelligentíssima* e, por fim, o grau superlativo absoluto analítico – *a Maria é muito inteligente* (Mateus; Brito; Duarte; Faria, 2003).

Como já dissemos, a modalidade é um factor determinante na materialização de processos morfológicos. Assim, quando observamos a gradalização nas línguas visuais verificamos que, para a intensificação, o recurso à ENM é a estratégia mais usada, nomeadamente a intensificação do sopro, da bochecha inflada ou de marcadores suprasegmentais como as sobrancelhas, o movimento do tronco. A amplitude do movimento também é significativa na intensificação. Estes fenómenos foram já observados na ASL por Wilbur, Malaia e Shay (2012, p. 95, tradução própria):

Em nossos dados, observamos modificações em sinais adjetivais sob intensificação:

- Aumento geral da tensão nas mãos e no rosto;
- Modificações de movimento;
 - Adição ou ampliação da trajetória do movimento;
 - [Liberação atrasada] do início do movimento;
- Modificações não manuais (rosto, cabeça, corpo);
 - Sobrancelhas franzidas;
 - Inclinação da cabeça para fora da posição neutra.⁷

7 No original: In our data, we observed modifications to adjective signs under intensification:

- Overall increase in tension of the hands and face;
- Movement modifications;
 - Add or enlarge movement trajectory;
 - [delayed release] of the start of the movement;
- Non-manual modifications (face, head, body);
 - Frown on face;
 - Head tilt away from neutral.

Estes autores concluem o seu artigo apontado para o facto de “Sign languages express the boundaries of semantic scales by means of phonological mapping” (p. 100), ou seja, através do uso de unidades sublexicais, como as listadas acima, e o confronto entre duas realidades para expor comparações ou intensificação. Koulidobrova, Vera, Kurz e Kurz (2023) vão mais longe ao considerarem que as línguas visuais não marcam os graus dos adjetivos. Os investigadores começam por apresentar as estratégias usadas em ASL partindo de estudos prévios:

[...] na ASL, os predicados graduáveis podem aparecer em construções que incluem (i) nenhuma marca comparativa explícita, caso em que a interpretação relevante surge por meio de pistas no discurso (justaposição) (22); (ii) a representação comparativa das duas entidades em consideração (23);¹⁸ (iii) um item lexical explícito como MAIS, PIOR, MELHOR, SUPERAR ou MESMO(QUE) (24); e (iv) um marcador de intensificação não manual (chamado assim), que pode envolver inflar as bochechas, arregalar os olhos, uma inclinação do corpo ou aumentar o espaço associado ao sinal manual (entre outros). Koulidobrova, Vera, Kurz e Kurz (2023, tradução própria) [...]⁸

Não pretendemos questionar a categoria gramatical dos itens em questão, mas apenas descrever as estratégias que abaixo mostramos e que, à semelhança do observado para a ASL, utilizam marcadores da mesma natureza na LGP.

| Estruturas de comparação em LGP

Metodologia

Quando queremos fazer esta mesma análise na LGP deparamo-nos, desde logo, com um entrave: a falta de bibliografia e investigação científica em que nos possamos basear e que sustente as nossas hipóteses. Tendo em conta essa dificuldade, optamos pela estratégia que nos pareceu a mais adequada e fiável: a auscultação de nativos surdos sobre o assunto. Assim, consultámos quatro professores de Língua Gestual Portuguesa, nativos, com idades compreendidas entre os 45 e os 50 anos, três homens e uma mulher, com mais de dez anos de experiência docente.

⁸ No original: in ASL gradable predicates may appear in constructions that include (i) no overt comparative marking, where the relevant interpretation arises via cues in discourse (juxtaposition) (22); (ii) the comparative depiction of the two entities under consideration (23);¹⁸ (iii) an overt lexical item like MORE, WORSE, BETTER, BEAT or SAME(AS) (24); and (iv) a non-manual (so-called) intensification marker, which may involve puffing the cheeks, widening the eyes, a body lean, or increasing the associated space of the manual sign (p. sp).

Estabelecemos uma conversa informal, contextualizámos o assunto *graus dos adjetivos*, soletrámos os diversos graus e pedimos exemplos em LGP. Refletimos com eles sobre a dificuldade em gestuar o comparativo de inferioridade, de forma natural e espontânea, e questionámo-los sobre possíveis motivações para essa ausência de materialização linguística.

Socorremo-nos também do conhecimento e da experiência linguística que possuímos. Abaixo mostramos as execuções, traduzindo-se os resultados para Português e utilizando a glosa, ou seja, transcrevemos para Português os gestos executados, mantendo a ordem de produção na LGP, separados por pontos e em maiúsculas.

| Apresentação de resultados

Para a formação do grau comparativo de igualdade, os utilizadores da língua recorrem à produção dos gestos/sinais IGUAL ou EXATAMENTE. IGUAL, gesto/sinal este acompanhado de ENM correspondente a “tá”. Nesse sentido, se pretendermos referir que a *Isabel* é tão feliz como a *Rafaela* faremos, em primeiro lugar, a produção dos sujeitos entre os quais pretendemos estabelecer a comparação, neste caso recorrendo aos nomes gestuais⁹ das pessoas, para em seguida produzirmos o adjetivo sobre o qual iremos aplicar o grau, neste caso, *feliz*, e, por último, o gesto/sinal que identifica a comparação e que, como vimos, poderá ser o IGUAL ou o EXATAMENTE.IGUAL. Vejamos na figura 3 como é executada a produção do que acabamos de explanar.

Figura 3. Produção: MAIS.DO.QUE



Fonte: Acervo pessoal

No que diz respeito ao grau comparativo de superioridade, este é formado com recurso a um gesto/sinal cujo significado remete para a ideia de MAIS. DO.QUE, também ele acompanhado de ENM sendo, neste caso, a projeção de ar que origina um pequeno tremor dos lábios. Uma vez que a utilização deste

⁹ Sobre a questão, leia-se Carvalho (2019).

gesto/sinal permite uma produção direcional, o emissor terá que, antes da sua produção, localizar no espaço os dois referentes que pretende comparar produzindo posteriormente o gesto/sinal com início no local indicado para o referente a quem se aplica o grau superior e com movimento em direção ao outro referente. Assim, se pretendermos referir que *a Isabel* é *mais feliz* que *a Rafaela* temos de nos referir à Isabel e à Rafaela, localizando-as no espaço, posteriormente indicar o adjetivo que se pretende comparar e que é, neste caso, o *feliz* e, por último, produzir o gesto/sinal MAIS.DO.QUE com direção da Isabel para a Rafaela. Caso pretendamos dizer o contrário, ou seja, *a Rafaela* é *mais feliz* do que *a Isabel*, bastará alterar a direção da produção do gesto/sinal, iniciando assim na Rafaela e terminando na Isabel. Vejamos a concretização deste exemplo abaixo.

Figura 4. Frase: A Isabel é mais feliz do que a Rafaela



Fonte: Acervo pessoal

Quanto ao grau superlativo relativo de superioridade, segundo o que apuramos, este é produzido através da utilização do gesto/sinal PRIMEIRO que identificará aquele a quem é atribuído o maior grau e cuja produção é feita em simultâneo com uma ENM que se assemelha e labialização de “tu”. Neste sentido, podemos indicar que *a Isabel* é *a mais feliz* através da produção do nome gestual do sujeito, seguido do adjetivo e posteriormente do gesto/sinal PRIMEIRO que nos remeterá então para o *mais feliz*.

Vejamos na figura 5 esta produção.

Figura 5. Frase: A Isabel é a mais feliz



Fonte: Acervo pessoal

Quando pretendemos produzir frases em que são empregues os graus superlativos absolutos há que recorrer ao uso de ENM que é produzida em simultâneo com a produção do adjetivo e será tão mais intensa quanto for, também, o adjetivo. Neste contexto, estamos perante o uso de uma expressão suprasegmental que indica um acentuar de entoação dada ao discurso e a ENM pode caraterizar-se pela abertura dos olhos que é acompanhada do arquear das sobrancelhas, pelo inflar de ambas as bochechas acompanhadas de sopro ou, ainda, pelo exagero da expressão utilizada através do semicerrar dos olhos e de maior expansão do sorriso. A utilização desta ENM enfatiza a qualidade tornando-a mais intensa do que a original. Cremos que este uso terá uma origem no meio cultural envolvente e na gestualidade que carateriza o ser humano que quando se encontra perante situações intensas mostra o seu sentimento através de uma reação de enchimento das bochechas e de sopro de ar.

Vejamos abaixo a produção da frase *a Isabel é felicíssima*.

Figura 6: Frase: A Isabel é felicíssima



Fonte: Acervo pessoal

Efetivamente, no nosso estudo não conseguimos apurar a existência de formas distintas de produzir os graus superlativos absolutos uma vez que, segundo os nossos informantes, a frase acima apresentada pode, também, ser entendida como *a Isabel é muito feliz*. Na verdade, este é o processo mais puro e natural de expressar o grau superlativo absoluto analítico, com recurso ao uso de ENM. Todavia, foi possível verificar que também é possível marcar este grau através da adição do gesto/sinal MUITO ao adjetivo. Ainda assim, “este tipo de ocorrência é rara sendo apenas frequente naqueles que não dominam a língua, sejam ouvintes ou surdos, por associação à forma um ouvinte produzirá em linguagem gestual ou de mimética, a ideia de uma grande quantidade” (Silva, 2023, p. 101-102).

Nesta investigação não fomos capazes de identificar a produção quer do grau comparativo de inferioridade, quer do grau superlativo de inferioridade o que

nos levou a crer que estes não são expressos de forma natural na LGP. Assim, a relação é sempre registada num contexto de superioridade. Na verdade, quando queremos expressar uma inferioridade somos obrigados a referir, também, a superioridade. Assim, se pretender referir que a *Rafaela* é menos *feliz* que a *Isabel*, temos de indicar que a *Rafaela* é *pouco feliz* e a *Isabel* é *mais feliz*, fugindo assim à produção “pura” do comparativo de inferioridade.

| Discussão dos resultados

Como se verifica, os mecanismos são os mesmos daqueles que foram observados na ASL:

- O uso de ENM como marcador de intensificação que também se observa na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) “a marca de grau dos substantivos e adjetivos é composta por meio da expressão facial” (Rodrigues; Valente, 2011, p. 88) e noutras línguas gestuais/de sinais uma vez que “This is a common strategy, for instance, for expressing the diminutive ('small x') and the augmentative ('big x')” (Pfau; Quer, 2010, p. 385-386);
- *mouthing*¹⁰, como se verifica no comparativo de igualdade que reteve uma sílaba da expressão portuguesa “**tal** e **qual**”;
- O recurso a descritores, *depictive structures*, ou seja, colocar o que se pretende comparar em justaposição também foi observado;
- O uso de marcadores lexicais como o sinal MAIS DO QUE. Vamos deter-nos um pouco na morfologia deste sinal para que possamos apresentar alguma hipóteses e fenómenos interlingüísticos.

Figura 7. Gesto/sinal: MAIS.DO.QUE



Fonte: Acervo pessoal

10 Sobre esta temática, veja-se Silva (2023).

Como se observa e acima descrevemos, a orientação deste vocábulo determina a escala e os termos de comparação. Este sinal, pela sua morfologia, mais concretamente pelo movimento do dedo médio sobre o polegar, transmite a ideia cultural e não-verbal de “repelir”; “afastar”; “excluir”. Na LGP, o gesto/sinal de EXCLUIR/SER EXCLUÍDO/SER DESPEDIDO¹¹ é praticamente idêntico ao de MAIS.DO.QUE. A mudança de orientação é que apenas se verifica nas estruturas de comparação e não nos outros itens lexicais parónimos. Retomando os dados de Koulidobrova, Vera, Kurz r Kurz (2023), em ASL usa-se o gesto/sinal BEAT, ou seja, “ultrapassar”; “vencer”; “exceder”, análogo ao nosso em termos semânticos. Desta forma, as estruturas de comparação em LGP servem-se de um item lexical que possui os traços de “excluir” transformando-o em algo que, ao “excluir”, está, de forma positiva, num ponto mais alto da escala de comparação. Assim, por exemplo, sendo a Isabel mais feliz do que a Rafaela, a primeira “leva vantagem” sobre a segunda, ou seja, exclui-a na escala de comparação, situando-se no nível superior, tal como parece indicar o uso de BEAT em ASL¹².

O uso de LESS THAN para a ASL não foi referido nos estudos que consultámos e desconhecemos se o seu emprego, a existir, é por influência do inglês. Da mesma forma que observámos o registo do uso de MENOS DO QUE na LIBRAS, mas apenas numa consulta em plataformas *on-line*. Consultamos um investigador, professor e intérprete desta língua, Ronaldo Manassés, a quem agradecemos, que nos confirmou que a construção do comparativo de inferioridade também não é produtiva, sendo necessário ou inverter, como em LGP, usar antónimos ou colocar em justaposição, estas duas estratégias também comuns na LGP e na ASL, como vimos.

Como explicar esta ausência?

Os nativos que auscultámos referiram que a não utilização destes graus se prende com motivos de ordem social e histórica. Durante um longo período, a comunidade surda viveu num registo de opressão e de proibição de utilização da sua língua natural, o que gerou nas pessoas surdas sentimentos de rejeição e inferioridade uma vez que eram obrigadas a comunicar na língua da maioria, a língua oral. Na verdade, nem todas as pessoas surdas se identificavam com essa produção de língua, havendo inclusive pessoas que apresentavam dificuldades em oralizar o que resultava em palavras ou frases que eram, muitas vezes,

11 Consulte-se o vocabulário DESPEDIR em www.spreadthesign.com.

12 Não consideramos o uso de VERY uma vez que Wulbur *et al.* (2012) aponta o uso desse gesto como uma interferência do inglês, semelhante, talvez, ao que acontece também na LGP no superlativo absoluto com o uso de MUITO.

incompreensíveis para a maioria ouvinte. Esta situação levava a contextos de humilhação e discriminação das pessoas surdas que, inevitavelmente, se sentiam inferiores perante uma maioria que as julgava. Este tipo de contextos gerou nas pessoas surdas a necessidade de contrariar a ideia de que são inferiores ou que podem ser olhados enquanto seres que não podem estar equitativamente comparados com as pessoas ouvintes. Tal é notório através da ausência de manifestações linguísticas que expressem a ideia de inferioridade. A não identificação dos nativos com esse registo linguístico faz com que a sua produção não seja natural na LGP.

Além da explicação fornecida pelos nativos surdos e surdas, professores de LGP que consultámos, e que importa considerar, cremos que a ausência do “menos do que” pode estar implícita na morfologia do gesto/sinal usado para o comparativo de superioridade: a orientação de mão implica, na relação de comparação, que um dos sujeitos/objetos seja menos do que o outro. Como a receção é visual, está implícito, numa mesma frase as duas posições na escala de comparação.

| Conclusão

Neste breve estudo, cujo foco se prendeu com a formação dos graus dos adjetivos na LGP, começamos por fazer uma apresentação sucinta sobre a organização da língua e das suas unidades mínimas, contextualizando assim o leitor para o desenrolar do trabalho. Além disso, efetuamos uma breve descrição sobre os aspectos morfológicos da LGP reportando-nos à flexão verbal, flexão em número e em género, bem como um leve apontamento sobre a organização sintática da língua. Afloramos a variação lexical apontando a relação que esta apresenta com a questão geográfica e de distribuição da comunidade surda por zonas do país.

Posto isso, reportamo-nos ao assunto em questão neste estudo: a marcação de grau dos adjetivos na LGP. Da nossa análise, concluímos que, independentemente do grau que se pretende formar, este é concretizado com a natural produção manual acompanhada, sempre, da produção não-manual, isto é, com recurso à ENM. Neste sentido:

- O grau comparativo de igual é produzido com recurso aos gestos/sinais de IGUAL ou EXATAMENTE.IGUAL;
- O grau comparativo de superioridade é produzido com recurso ao gesto/sinal MAIS.DO.QUE;

- O grau superlativo relativo de superioridade é produzido com recurso ao gesto/sinal PRIMEIRO;
- Os graus superlativo absoluto sintético e analítico são produzidos através da expressão suprasegmental que intensifica o valor do adjetivo.
- Neste nosso estudo não identificamos explicitamente os graus de inferioridade, quer o comparativo como o superlativo.

Numa perspetiva de análise comparatista, pesquisamos sobre os mecanismos adotados por outras línguas gestuais/de sinais para estes processos e pudemos verificar que há a adoção de mecanismos idênticos: o uso da ENM, a utilização do *mouthing*, o recurso a descritores e a utilização de marcadores lexicais como o gesto/sinal MAIS.DO.QUE. Foi também possível verificar que outras línguas visuais também não recorrem ao uso natural dos graus de inferioridade.

De todas estas observações que constatamos ao longo do nosso trabalho, chegamos à inevitável e curiosa conclusão de que a não identificação explícita dos graus de inferioridade se prendem com motivos históricos e culturais que, pela sua importância e peso para a comunidade surda, extrapolaram o sentimento partilhado pelo grupo e deixaram a sua marca naquilo que é a organização e produção linguística. Além disso, a não marcação explícita deste grau advém da morfologia do sinal MAIS.DO.QUE e do valor semântico que o parâmetro OM lhe confere. Mais estudos sobre a importância desta unidade mínima e dos seus valores semânticos são necessários, assim como os valores gramaticais da iconicidade das línguas gestuais/de sinais.

| Referências

BERNATH, J. Adjectives in ASL. **Theoretical Issues in Sign Language Research Conference**, 10., 2010. Proceedings. West Lafayette, Indiana Purdue University, 2010. p. 162-163.

CARMO, P. **Aquisição da Língua Gestual Portuguesa:** estudo longitudinal de uma criança surda dos 10 aos 24 meses. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2010.

CARVALHO, P. V. A formação e atribuição dos nomes gestuais nas comunidades de surdos em Portugal. In: CORREIA, I. **Línguas de Sinais:** cultura, educação, identidade. Lisboa: Sítio do Livro, 2019. p. 25-39.

CORONEL, M.; MALALEL, D.; MAZUECOS, A. L.; DALMAU, M. de los Ángeles.

Comparativas de desigualdad en la lengua de señas argentina: una aproximación descriptiva. **Signo y seña**, n. 45, 2024. Disponível em: <http://revistascientificas.filos.uba.ar/index.php/sys/article/view/14495>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CORREIA, I. Descrever a LGP em contexto bilingue: o género. **Revista Leitura – Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas**, Porto. Portugal., n. 57, p. 172-197, 1 out. 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2854/2860>. Acesso em: 24 out. 2024.

CORREIA, I. Morfologia Derivacional em Língua Gestual Portuguesa: alguns exemplos. **EXEDRA: Revista Científica**, Coimbra, v. 9, p. 159-172, 24 out. 2024. Disponível em: <http://exedra.esec.pt/wp-content/uploads/2015/05/n9-C4.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

CORREIA, I.; QUEIRÓS, P. **Um primeiro passo para a História da Língua Gestual Portuguesa: Perspetiva Diacrónica**. Porto. Portugal: FPCEUP, 4 abr. 2016. Digital. Disponível em: http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/PERSPECTIVA-DIACR%C3%93NICA_POSTER.pdf. Acesso em: 24 out. 2024.

KOULIDOBROVA, E.; VERA, G.M.; KURZ, C. Revisiting gradability in American Sign Language (ASL). **Glossa: a journal of general linguistics**, [S. l.], ano 8, p. 1-10, 3 nov. 2013. DOI: <https://doi.org/10.16995/glossa.9904>. Disponível em: doi:<https://doi.org/10.16995/glossa.9904>. Acesso em: 24 out. 2024.

MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. **Sign Languages**, Cambridge University Press, p. 381-402, 24 mar. 2010. Disponível em: <https://cnlse.es/antiguos/Nonmanuals.their%20grammatical%20and%20prosodic%20roles.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

PROCEEDINGS OF THE 10TH THEORETICA, 2010, Purdue University. **Adjectives in ASL** [...]. West Lafayette.: Purdue University., 2010.

RODRIGUES, C. S.; VALENTE, F. **Intérprete de Libras**. IESDE. Brasil: [s. n.], 2011.

SANCHEZ-MENDES, L.; SEGALA, R.; XAVIER, A. N. Descrição e análise semânticas da intensidade em Libras. **Revista Linguística**, v. 16, p. 311-331, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/37455>. Acesso em: 24 out 2024.

SANTOS, T. S.; XAVIER, A. N. Recursos manuais e não-manuais na expressão de intensidade em Libras. **Revista Leitura**, v. 63, p. 120-137, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6828>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SANTOS, T.; XAVIER, A. N. Os efeitos da intensificação no movimento da(s) mão(s) na produção de sinais da Libras. **Revista Entrepalavras**, v. 9, p. 1-19, 2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1610>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SCHEMBRI, A. Rethinking ‘Classifiers’ In Signed Languages. **Signed Languages**, Lawrence Erlbaum Associates: Mahwah, NJ, p. 3-34, 7 maio 2003.

SILVA, R. **Para além das mãos:** a expressão não manual na Língua de Sinais Portuguesa. 2023. Tese (Doutoramento em Linguística) – Universidade de Évora, Instituto de Investigação e Formação Avançada, [S. l.], 2023.

WILBUR, R.; MALAIA, E.; SHAY, R. Degree Modification and Intensification in American Sign Language Adjectives. *In: ALONI, M. et al. Logic, Language and Meaning - 18th Amsterdam Colloquim*. Purdue University, 2012. p. 92-101.

Como citar este trabalho:

CUSTÓDIO, Pedro Balaus; CORREIA, Isabel. O comparativo de inferioridade em Língua Gestual Portuguesa: uma ausência motivada? **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 88-104, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 27/10/2024 | Aceito em: 27/12/2024.